



CENTRO UNIVERSITÁRIO DR. LEÃO SAMPAIO – UNILEÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

LÍVIA LAÍS ROMÃO SIDRIM

**INSTAGRAM E JOVENS ADULTOS: CONSEQUÊNCIAS PARA ADULTEZ
EMERGENTE, NOVAS RELAÇÕES E IMPASSES DE TORNAR-SE ADULTO NO
BRASIL CONTEMPORÂNEO.**

Juazeiro do Norte
2020

LÍVIA LAÍS ROMÃO SIDRIM

INSTAGRAM E JOVENS ADULTOS: CONSEQUÊNCIAS PARA ADULTEZ EMERGENTE, NOVAS RELAÇÕES E IMPASSES DE TORNAR-SE ADULTO NO BRASIL CONTEMPORÂNEO.

Artigo apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, como requisito para a obtenção do grau de bacharelado em Psicologia.

Juazeiro do Norte
2020

LÍVIA LAÍS ROMÃO SIDRIM

**INSTAGRAM E JOVENS ADULTOS: CONSEQUÊNCIAS PARA ADULTEZ
EMERGENTE, NOVAS RELAÇÕES E IMPASSES DE TORNAR-SE ADULTO NO
BRASIL CONTEMPORÂNEO.**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à coordenação do curso de
Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão
Sampaio, como requisito para obtenção de
grau de Bacharelado em Psicologia.

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

LARISSA MARIA LINARD RAMALHO

Orientador(a)

ÍTALO EMANUEL PINHEIRO DE LIMA

Avaliador(a)

ALEX FIGUEIREDO DA NÓBREGA

Avaliador(a)

INSTAGRAM E JOVENS ADULTOS: CONSEQUÊNCIAS PARA ADULTEZ EMERGENTE, NOVAS RELAÇÕES E IMPASSES DE TORNAR-SE ADULTO NO BRASIL CONTEMPORÂNEO.

Lívia Laís Romão Sidrim¹
Larissa Maria Linard Ramalho²

RESUMO

Tendo em vista a contribuição acerca de estudos frente ao público adulto jovem, pesquisa-se sobre os modos de relação tidos atualmente e como se apropriam de recursos tecnológicos, a fim de discutir como os jovens adultos se relacionam com o aplicativo *Instagram*. A forma em que essa interação é feita, parte de um controle anterior a caminho de outros, sendo significativa a representação criada nessa rede social dos valores postulados a sujeição para validação com características simbólicas de poder de produção e de um novo controle. Para tanto, é necessário compreender aspectos do desenvolvimento do adulto jovem, as demandas sociais vigentes e, por fim, como acontece a relação entre esses elementos, levando em consideração as circunstâncias que direcionam para tal articulação, dialogando com temáticas sociais, educacionais, mercadológicas e de acessibilidade a redes de informação. Realiza-se uma pesquisa bibliográfica descritiva, partindo da hipótese de que o comportamento é decorrente das condições desse sujeito como forma de sustentação da realidade atual brasileira e, na obtenção dos resultados, constatou-se que há respostas diretas e indiretas ligadas ao sistema capitalista, de modo que acontece como sacies de necessidades impostas, como também de enfrentamento de uma realidade fragilizada pelo mesmo viés, destacando outro modo de conexão.

Palavras-chave: Adulto jovem. Instagram. Adulterez Emergente. Relações Sociais. Sofrimento Psíquico.

ABSTRACT

In view of the contribution about studies towards the young adult audience, research is done on the modes of relationship currently held and how they use technological resources in order to discuss how young adults relate to the Instagram application. The way in which this interaction is made, part of a previous control to the others, with a significant representation created in this social network, of the values postulated the subject to the validation, with symbolic characteristics of production power and a new control. Therefore, it is necessary to understand aspects of the development of young adults, such as current social demands, lastly, as it happens in the relationship between these elements, taking into account as circumstances that lead to the articulation, dialoguing with social themes, educational, marketing and accessibility to information networks. Then, a descriptive bibliographic research is carried out, which starts from the hypothesis that the behavior is due to conditions of this type, as a way of sustaining the current Brazilian reality and, in the use of results, it was found that

¹Discente do curso de Psicologia da UNILEÃO. E-mail: liviasidrim@outlook.com.

²Docente do curso de Psicologia da UNILEÃO. Mestre em Desenvolvimento Regional Sustentável pelo Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional Sustentável da UFCA – Universidade Federal do Cariri. E-mail: larissaramalho@leaosampaio.edu.br.

there are direct and indirect responses associated with the capitalist system, so that it happens as a sacrifice of impositions, as well as facing a reality weakened by the same bias, highlighting another way of connection.

Key words: Young adult. Instagram. Emerging adulthood. Social relationships. Psychic Suffering.

1 INTRODUÇÃO

Diante do avanço tecnológico e a consequente interação demasiada do homem com esse meio, as redes sociais se apresentam com relevância no cotidiano ao público adulto jovem, como aqui defendido, quando o dia a dia é atravessado por compartilhamento dos momentos vividos. O *Orkut* e *MSN* foram precursores dessas práticas que hoje basicamente são mantidas pelo o *Instagram*, somando-se aos recursos do *Facebook*, *Youtube* e *Snapchat*, prevendo um monopólio das interações. Dessa forma, se torna também ponto chave para a discussão neste trabalho salientar o crescente ingresso da população nas plataformas.

Na presença desse fenômeno, as relações pessoais passam pela condição de serem também exercidas na *internet*, sendo validada somente com a condição da visibilidade, como apontam de Jesus, Salgado e Silva (2014), ainda mais quando as possibilidades desse acesso se tornam tão próximas, como comprovado pela a pesquisa TIC Domicílios (2015), apresentando 51% das residências possuem acesso à *internet* e, em termos contingente populacional, aumentam para 58%. Além disso, a mesma pesquisa ainda aponta para o tipo de atividade realizada na *internet* o uso de redes sociais em 88% em um recorte de pessoas entre 16 e 34 anos, ou seja, corresponde com a idade de adulto-jovem lançada pelo Governo Federal em 2013, de 25 a 29 anos, embora exista divergência entre autores.

Sabendo dessa configuração atual das relações e comprovado sua relevância, este trabalho se dispõe a compreender como os adultos jovens se relacionam com o *Instagram*, propondo considerar em seu levantamento o contexto que os incluem, as exigências sociais, a construção da identidade em meio às cobranças corporais, comportamentais e ideológicas exigidas nessa rede social e como refletem psicologicamente no adulto-jovem como aspectos que promovam adoecimento. Além disso, dispõe-se a problematizar como também atuam na perspectiva de enfrentamento e suporte face à realidade dessa faixa etária.

Ainda como objetivo da pesquisa, se tem a necessidade de discutir de que forma esse contato é viabilizado, com hipóteses que sua decorrência venha como modo de sustentação de uma realidade opressora e, para isso, importa abordar as demandas sociais voltadas para esse público, principalmente trabalho e estudo, compreender quais os conceitos aceitos sobre o desenvolvimento do adulto atualmente e analisar como ele responde a essa realidade e, se essa é influente, de que forma na qualidade da relação com o Instagram.

Esta pesquisa se apresenta como um trabalho de cunho bibliográfico, com pesquisa de caráter descritiva, que abordada por Gil (2002, p. 131), a coloca para “descrever as características de determinadas populações ou fenômenos”, buscando compreender melhor os fenômenos atrelados aos efeitos do *Instagram* no desenvolvimento humano. Desta forma, se apoia em materiais já publicados sobre o objeto de estudo, como livros, artigos, revistas periódicas, usando dos descritores: “*Instagram*”, “adulto-jovem”, “exigências sociais” e “saúde mental”.

Assim, visa contribuição social ao retratar aspectos contemporâneos que sustentam respostas para o tipo de relação desenvolvida entre a referida plataforma e o público adulto jovem se apresente desta forma. Com isso, ao representar os aspectos que refletem nas exigências da faixa etária, aponta para um trabalho que diante da saúde mental pode compreender quais são os prejuízos para o bem-estar e o desenvolvimento, propondo repensar estratégias de elaboração e de enfrentamento do sofrimento psíquico.

E, para o curso de Psicologia, pesquisar sobre a temática proposta é de suma importância para abarcar os elementos que tangem o desenvolvimento humano, fazendo parte de sua constituição, devendo assim ser considerado como subsídio para se nortear em relação ao adoecimento e a forma de sintomatizar na relação com as mídias sociais.

2 METODOLOGIA

Esta pesquisa é caracterizada como do tipo descritiva, a qual se dispõe para o estudo e a apresentação dos fenômenos que influenciam na alta inserção dos adultos jovens na rede social *Instagram* e como ela, por sua vez, interfere na saúde mental desse grupo. Assim, entra no conceito de pesquisas descritiva elaborado por Gil

(2002, p. 131), no qual “pretende descrever as características de determinadas populações ou fenômenos”.

Se tratando de uma pesquisa bibliográfica, irá recorrer a fontes de pesquisas secundárias, tratando sobre os componentes desse estudo e que podem contribuir para o delineamento do resultado esperado. As obras selecionadas abordam temas como desenvolvimento humano, econômico e social, trajetória acadêmica e profissional, com foco específico na fase do adulto jovem, como forma de corresponder aos objetivos e a finalidade do trabalho.

De acordo com Gerhardt e Silveira (2009, p. 31), esta pesquisa é categorizada como qualitativa, que “não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social e de uma organização, etc”. Chizzotti (2018) aborda sobre pesquisa qualitativa, levando que esta pode ser feita a partir de correntes de pesquisas diversas, de campo ou bibliográfica, considerando a particularidade de como apreende e legitima as informações coletadas, pois dispõe de uma relação mais dinâmica entre o mundo, o pesquisador e o resultado da pesquisa. O contato entre esses componentes da pesquisa é fundamental para construção de análises seguras que viabilizem a veracidade do documento elaborado (SORDI, 2017).

Desta forma, utiliza-se da revisão bibliográfica, tendo como apoio materiais já publicados sobre o objeto de estudo, usando os descritores: “*Instagram*”, “*Internet*”, “adulto jovem” e “exigências sociais”. As buscas foram feitas utilizando o *Google acadêmico*, sites de revistas periódicas de Psicologia e livros, priorizando obras recentes, de preferência a partir de 2015. Contudo, os estudos mais antigos que foram citados têm contribuição fundamental para o desenvolvimento do trabalho, como também são autores de teorias reconhecidas e significativas para a Psicologia.

3 ADULTOS JOVENS E DEMANDA SOCIAL CONTEMPORÂNEA

3.1 O ADULTO JOVEM E O DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL, O MERCADO DE TRABALHO E A VIVÊNCIA DO CORPO

Ao passo da entrada na idade adulta, acredita-se em uma estabilidade da vida. No entanto, pressupondo o início de uma família, de uma carreira, entre outros aspectos do novo ciclo, agora com mais experiência de vida, se mostram como um

momento de novidades e dificuldades. O início da vida de trabalhador por vezes é marcado pela insatisfação, visando inclusive o sucesso financeiro. Outra queixa frequente, se encontra respondida por pesquisas sobre insatisfação em adultos voltados também para imagem corporal, nas quais Cicco *et al.* (2006), encontram que entre 116 mulheres, 40% magras ou abaixo do peso dito adequado, se intitulam como gorda ou muito gorda.

Para além da discussão de insatisfação marcada em todos os momentos da vida, é importante perceber o corpo suporte, como suporte é até para insatisfação. Para Lima *et al.* (2013, p. 154), “o corpo é tudo aquilo que somos, mas também aquilo que nos escapa, que nos ultrapassa, que não nos pertence”. Nesse sentido, o corpo é um agrupamento de vivências simbólicas, físicas e culturais que ao longo dos anos vão ajudando a construir as representações identitárias. Segundo os autores, esse corpo é uma produção dos elementos que nos rodeiam, como as instâncias econômicas, sociais e culturais, nos quais estão inseridos os sujeitos (LIMA *et al.*, 2013).

Levando em consideração os aspectos construtivos do corpo que experiencia, pode-se relacionar ao marco dessa insatisfação por agrupar dos aspectos mesmos. O sujeito, agora pós-moderno, depois do século XX delineando sua economia pelo liberalismo, tende a construção de sua subjetividade também marcada por este fator (DUFOUR, 2004). Esse pensamento pode ser usado com explicação do modo de relacionamento do sujeito com as tecnologias e que, apontando para sua organização, terá que buscar sempre o novo proposto.

O contexto que evita insatisfação vem associado com uma faixa etária debruçada na auto-realização.

[...] parece que na adultez jovem o ser humano busca uma valoração pessoal, objetivando um desejo intrínseco da avaliação positiva de sua pessoa pelos conhecimentos até então adquiridos e construídos, sempre numa expectativa de alcançar uma avaliação positiva frente ao social, a respeito de si mesmo. Com muita pessoalidade, mas talvez com resquícios venha a impedir novas aprendizagens e construções individuais. O adulto jovem deseja recompensas rápidas e externas de suas motivações e busca experimentar e demonstrar muita competência, entre produções próprias de suas investidas socioeconômicas e desejos intrínsecos (SANTOS; ANTUNES, 2007, p.152).

Assim, apresentam-se duas facetas que se fundem para o objeto de pesquisa desse trabalho, ou seja, o adulto jovem encontra nas redes sociais espaço para suprir o que já é seu. Nesse sentido, é possibilitada uma correlação propícia entre a *internet* e adultez. Sendo assim, o resultado não poderia ser outro.

Em uma pesquisa denominada “Perfil do Jovem Brasileiro”, realizada pelo Núcleo de Pesquisa e Tendências do Espaço Experiência da FAMECO/ PUCRS em 2015 com jovens de 18 a 35 anos, com renda de valores variados, compreendendo amplamente as diferentes classes econômicas, obteve-se uma porcentagem de 95,8% dos participantes têm acesso à tecnologia e às mídias sociais. Este dado é clarificado para justificar que, mesmo o delineamento econômico sendo participante dessa discussão, o nível de acesso aparece linear para cada contexto, compreendendo grande parte. Assim, o foco se dará não a possibilidade do uso, mas ao uso em si, se há ou não diferenças no modo de expressão, de uso, das redes sociais pelo o adulto jovem de acordo com cada classe econômica.

Em um contexto pós-moderno, o adulto jovem precisa responder a novas expectativas. Tornar-se adulto hoje, não acontece da mesma maneira que no século passado. Quem envelhece hoje é proveniente de famílias diferentes, diante de novas formas e configurações sociais, sugerindo um desenvolvimento mais fluido e sem a necessidade de marcos limitados. Em contrapartida, este período volta suas exigências para o desenvolvimento profissional, no qual permanecem mais tempo na casa dos pais, mais tarde constroem famílias. Assim, a ideia do processo de tornar-se adulto se conecta com o conceito autonomia e responsabilidade, sendo esses, um porto de partida promovido da sociedade para o adulto jovem e não como uma forma de resposta a faixa etária deliberada, de encontro com uma idade específica (RODRIGUES, 2011).

Pondo todas essas apresentações, essa sessão abordou os temas citados acima como forma expor como o adulto jovem se manifesta em relação a esses três temas: Desenvolvimento Profissional, Mercado de Trabalho e Corpo. Todos os seguintes serão pautados com relação ao uso da rede social *Instagram*, problematizando sua forma de uso e as repercussões do mesmo para saúde mental, uma vez que são parte da construção subjetiva do sujeito, acontecendo entre si correlações importantes que intervêm no desenvolvimento do adulto jovem e serão discutidas a seguir.

3.2 O DESENVOLVIMENTO DO ADULTO JOVEM

A adultez promove uma mudança na identidade e na representação do eu para o “antigo” adolescente. A discussão sobre a construção da identidade permeia a identidade de si e identidade para outro e que, por sua vez, sua construção se dá pela vivência e percepção do mundo, construindo assim representações (DUBAR, 2005).

Em pesquisa realizada, Pimenta (2007) dispõe-se a descobrir, a partir de grupos focais com jovens adultos e entrevistas bibliográficas, a representação social dos valores e da autoimagem do adulto na época. A autora traz apontamentos importantes com o resultado de sua pesquisa, sugerindo que o “ser adulto”, além de ser um conceito, é também um modo de ser, uma vez que chega carregado de representações.

Dessa forma, mostrou que a concepção de “ser adulto” esteve ligada geralmente ao que o adulto faz e teve como complemento as palavras “trabalho”, “pagar contas”, “sustentar-se”, “ajudar a família”, entre outros. Ou seja, um discurso repleto de palavras atribuídas a responsabilidades e que, pelo outro olhar da pesquisa, em relação a maturidade, de forma a sustentar a responsabilidade direcionada a adultez, e como resultado, obteve-se descritores como: “autocontrole, contenção, ser menos impulsivo, não ser oito ou oitenta” (PIMENTA, 2007).

O que pode ser notado diante disso é que todas as palavras remetem direta ou indiretamente a uma cobrança, seja de postura, de comportamento, de atitudes, como também espera de uma resposta financeira, ou seja, representam um padrão engessado do sujeito. O que torna ponto para problematização é a condição de que foram respostas dadas por adultos jovens que vivem essa realidade. Agora se sabe o que se espera de um adulto, e agora, como é ser adulto? A resposta ideal é ampla em considerar aspectos biológicos, históricos, sociais e psicológicos, o que não é possível quando nosso objetivo é usar de alguns recursos dessa trajetória para pautar o tipo de relação que esse público tem com o *Instagram*, embora seja preciso compreender algumas especificidades desse processo.

Dos Santos (2018), defende em seus estudos que compreender o momento de tonar-se adulto é importante por contemplar aspectos que vão além da maturação orgânica ou psíquica, mas compreende também a análise de padrões de desenvolvimento social que abarcam mercado de trabalho, fecundidade e cultura, ou seja, com intensas modificações também demográficas, sociais e institucionais.

O autor supracitado adota um posicionamento importante, especialmente do desenvolvimento do adulto quando se trata do contexto brasileiro. Em diversas

culturas e nacionalidades com níveis de desigualdade social menores, há uma linearidade ao tornar-se adulto, uma vez contando com assistência para que durante seus estudos não necessitem trabalhar, por exemplo. Assim, os marcos do início da vida adulta seriam o fim da vida escolar e o primeiro emprego. Outro levantamento seria a gravidez na adolescência. É ainda um reflexo da ruptura social e educacional que existe no Brasil, usando dos parâmetros da desigualdade para explicar esse fenômeno.

Então, feita essa análise, pode-se concluir as diferentes maneiras de atravessar a adultez e, defendendo essa heterogeneidade da travessia pela desigualdade social do país, é possível conceber a trajetória dentro de aspectos econômicos, sociais e institucionais e como esses influem na construção psicossocial da faixa etária pela a despadronização que acontece pela não contemplação adequada de incentivos para o desenvolvimento social, como investimentos em educação. Assim, mantém-se o equilíbrio e a contenção até os 15 anos, pela implantação de mais escolas públicas, o que depois disso dá entrada para o mercado de trabalho (RIBEIRO, 2014).

A tomada para as experiências dessa nova realidade caracteriza a adultez emergente, desde a exploração da nova identidade, até a própria experiência de vida modificada pela inserção em novos contextos (CRUZ *et al.*, 1997). Assim, feito um levantamento das possibilidades de enfrentar uma vida adulta no Brasil pela perspectiva social, mas fugindo do reducionismo do unilateral de contemplação da vida adulta, pode-se conduzir, a partir da entrada no mercado de trabalho, pelas suas novas configurações e papéis que assumem frente ao conceito de adultez emergente e o que suscita diante da vivência da atual realidade.

3.3 TRAJETÓRIA MERCADOLÓGICA DO ADULTO JOVEM

Considerando as múltiplas representações da adultez, abrangentes serão suas aplicações no mercado de trabalho. Tomando Erickson (1968), em seus estudos sobre desenvolvimento humano não continha diretamente o conceito de adultez emergente, mas aponta para a característica semelhante em países industrializados, onde o jovem pode explorar sua identidade e possibilidades de trabalho e relacionamento.

Então, antes de feita a contextualização a nível Brasil, é importante perceber as possíveis reduções do termo, o que dificultaria a combinação do país à teoria. Nesse sentido, apostando em um desenvolvimento mais abrangente ou flexível diante

do maior tempo em que é vivenciado e pela quebra de alguns padrões sociais antes vigentes, fugindo de marcadores demográficos anteriores, mas que não são suficientes para compreender a pluralidade de histórias de vida. Observa-se, portanto, que a depender do contexto econômico do país, essas questões aparecem refletidas na compreensão de mudanças individualizadas, os resultados de pesquisas feitas com estudantes universitários de classe média branca que responderam as pesquisas da idealizadora do termo *Adultez Emergente* (BYNNER, 2005 *apud* BRANDÃO, 2012).

No Brasil, como apresentado anteriormente, tem-se altos níveis de desigualdade social, ou seja, generalizar o conceito aqui potencializa a desigualdade e favorece apenas às classes específicas. Esse é um risco apontado por Coimbra (2008) ao assumir que essas mudanças exigirão reorganização e reestruturação e novamente não serão sustentadas por todos, mantendo a subalternidade da maior parte do Brasil.

Logo, diante das diferentes condições, resulta em distintas maneiras de inserção no mercado. Uma parcela lidando com o ensino superior, jovens com baixa escolaridade no mercado de trabalho, jovens conciliando a rotina de estudo, ensino básico ou superior, com a de trabalho, entre outras formas de assumir o papel de adulto, contando ainda com outros papéis, por exemplo, com maternidade ou paternidade, na qual cada situação responderá sobre a identidade construída diante das realidades dos papéis que assume.

Tais fatos podem ser comprovados pela porcentagem divulgada pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua, 2019), ainda sobre os percentuais de 2018, mostram a discrepância regional, sexual e racial, uma vez que a Região Nordeste tem a maior taxa de analfabetismo do país, cujo também é maior para homens e para negros. Em busca de uma renda mínima de alguma ordem, tendendo a informalidade que tem sustentado a queda do desemprego deste mesmo ano, segundo as Agências de Notícias do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2020).

A informalidade segue como a saída possível em meio ao caos estrutural. Segundo o jornal Folha de São Paulo, em 2018 o quadro de empregos do país era representado pela queda na oferta de trabalho no ramo de produção, manutenção e manufatura, enquanto do outro lado mostrava o aumento na procura de serviços na área de computação, educação e gestão de negócios. Assim, demonstra o alto nível de seletividade do mercado, o que não condiz com boa parte dos perfis dos

trabalhadores brasileiros. Em 2016, segundo a Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe das Nações Unidas (CEPAL), a cada três jovens da América Latina, dois não correspondem ao solicitado pelo mercado, não atendendo as necessidades em um nível de habilidade maior e sem aperfeiçoamento técnico.

A orientação da mesma Comissão frente ao quadro de desemprego e informalidade refere-se à necessidade de qualificação continuada, com identificação dos déficits para acompanhamento efetivo e investimento governamental, aumentando e fortalecendo os níveis de educação, com intuito de garantir direitos cidadãos, visando à formalidade empregatícia.

Ao deparar-se com essa realidade, uma alternativa seria a procura de maior escolaridade. Contudo, há uma série de dificuldades, seja a não disponibilidade por causa de um trabalho anterior, seja prioridade ou dificuldade de custo para acessar uma universidade, por exemplo, e ainda que hajam as iniciativas federais para o ingresso no ensino superior, as vagas são sucumbidas por alunos proeminentes de instituições particulares. Enquanto isso, o Programa Universidade Para Todos (ProUni) e o Fundos de Financiamento Estudantil (FIES), frente aos 36% de evasão por dificuldade financeira (ABMES, 2018), tem sido uma via de acesso, embora se trate mais de uma ação privatista e menos democrática.

Costa e Ferreira (2017) em seus estudos sobre evasão universitária diante das políticas públicas brasileiras entre 2006 e 2011 encontraram dados que mostram que 34% dos estudantes em instituições públicas e 41% das instituições privadas não concluem o curso de graduação. Junto a isso, o ProUni lança porcentagem de 10% de evasão. Tal resultado, em relação ao último dado, se refere ao condicionamento do tempo da bolsa ofertada com o tempo do curso e dificuldades econômicas do próprio estudante, diminuindo as chances da retirada do campo estudantil.

Dentre os estudantes regulares não participantes de programas governamentais, 67% trabalham e estudam, acumulando assim mais um papel social (ABMES, 2018). Diante da história de vida até que chegassem a universidade, existem outras sequelas, que junto a esse novo contexto potencializa os prejuízos a saúde mental. Sendo assim, a universidade não é a única responsável por o desgaste nesse momento, mas contribui junto das fragilidades sociais (PADOVANI, 2014).

Desse modo, Andrade *et al.* (2016) considera existir uma importante correlação entre o histórico de vida e a relação do ensino superior como variáveis para o resultado de sofrimento psíquico em universitários, provocando diferentes níveis de problemas,

como estresse, ansiedade e demais sofrimentos psíquicos significativos, conforme aponta pesquisa realizada por Ricardo Padovani (2014). Ademais, em uma realidade que não favorece o desempenho acadêmico, existe a necessidade de cumprir as demandas profissionais de incessante preparação, assim ficando mais exposto ao fracasso, lidando mais uma vez com o sofrimento, quando a própria aniquilação do modo de pensar, agir e sentir não bastou para alcançar tal patamar. Incide aqui a falta de sentido (MACÊDO, 2018).

Enquanto trabalhador, as realidades frágeis e vulneráveis e as exigências sociais perduram. Abonízio (2012, p. 23), pesquisador do trabalho docente, descreve algumas transformações que o seu corpo de pesquisa é submetido, como “processo de desqualificação, desprofissionalização, intensificação do trabalho, flexibilização dos contratos, entre outros”.

Franco, Druck e Seligmann-Silva (2010, p. 231-233), apontam as situações trabalhistas como problemas de saúde pública. Em seus estudos, desenvolveram cinco dimensões representativas da precarização do trabalho, sendo elas sobre o “trabalho e relações contratuais”; “concernente a organização e às condições de trabalho”; a “precarização da saúde”; “fragilização do reconhecimento social e a representação e organização coletiva”. Em linhas gerais, essas dimensões retratam condições instáveis dos contratos trabalhistas, principalmente quando se tratam de terceirizados, acarretando insegurança e instabilidade.

Os autores ainda acrescentam sobre as condições de trabalho referente às metas inalcançáveis, em que o meio de mercado empregador se utiliza de instrumentação do medo, nesse caso, do desemprego, acarretando complicações na saúde mental, de forma a comprometer aspectos orgânicos, indenitários e existenciais, tudo isso pelas limitações trabalhistas e em decorrência de falhas na prevenção (FRANCO; DRUCK; SELIGMANN-SILVA, 2010).

Em meio a todo esse cenário, assina a importância de voltar-se a essa fragilidade construída, embora já normatizada, pois, como coloca Antunes (2002), é uma via de construção de identidade, dessa vez feita de formas opostas, alienadas ou alheias a si. Logo, fazem parte da estrutura social, profissional do trabalhador, e aqui do trabalhador adulto jovem, devendo incluir a condição indenitária desse como prioridade da discussão, pois em um caminho certo de prejuízos, os meios de sustentação dessa realidade podem ser feitos diante dos olhos da

contemporaneidade. Quanto a hipótese dessa pesquisa, pelo o uso das redes sociais, aqui mais precisamente, o uso do *Instagram*.

3.4 ADULTOS JOVEM E INSTAGRAM

Após o marco das grandes revoluções modernas, como Revolução Francesa e Revolução Russa, as mudanças têm acontecido de forma dinâmica, mais rápida e ainda, diante da globalização têm-se dificuldade em catalogar essas mudanças a nível Brasil, contudo, sabe-se que há especificidades do país. A forma como tem se delineado tais movimentos sociais a caminho de novas estruturas são percebidas a partir dos últimos dois séculos, atestando um fluxo permanente, no qual o que há de constante é a mudança (HARARI, 2017).

Uma significativa novidade foi o advento na *internet*, assumindo, da forma em que atualmente é apresentada, a condução de informações, comportamento, ideias e atreladas ao consumo acarretam de forma tão avassaladora, redefinindo as formas de interação e de comunicação, tocando diretamente os aspectos essenciais da humanidade (STRASSER; OLIVEIRA, 2020).

Com o constante avanço da tecnologia junto da *internet*, chegando ao Brasil apenas em 1995 e priorizando instituições acadêmicas, se compreende a noção de *ciberespaço*, para além do espaço e tempo real. A inserção do *smartphone*, que ultrapassou o número de computadores no Brasil em 2016, as redes sociais, entre outros conjuntos que aproximaram a experiência virtual de forma que tome proporções para assumir um lugar dentro de vivências cotidianas e reais por encontrarem meios para exibição do dia a dia (HAGE, 2017; PNAD, 2014).

Orientado pelo novo tempo, Bauman (2001) ao traçar as características da modernidade fluida, aponta o conceito do homem na liquidez, compreendido na pós-modernidade, mas direcionado em oposição ao sólido. Assim, “o homem moderno persegue o novo, mas, após a conquista de tal bem, dele rapidamente se enfastia; insaciável, persegue novos anseios norteados sempre pelo eterno ‘adiamento da satisfação’” (BAUMAN, 2001, p. 37). Refletidas na forma de relação construída pelo adulto jovem, diante da nova demanda de uso das redes sociais, o sujeito comprometendo-se com seu alcance estimado e insaciável, participa e interage neste novo grupo.

Enquanto a aproximação entre as realidades, segundo Recuero (2009), as redes sociais não são consideradas novidade, desde que não estejam inscritas em sites como recursos. Dessa forma, as mesmas palavras são contextualizadas de maneira diferente, carregando em comum os rastros dos componentes dessa relação, seja *on-line* ou *off-line*. A autora, por sua vez, acrescenta como tradução específica da rede social na *internet* uma marca simbólica, a representatividade.

Fantoni (2017), ao dialogar com a pesquisadora supracitada, elabora sua conclusão de que existe uma forte movimentação de comerciais, dinamizando também o capital incluso nas redes e, acoplado a ela, existem outras variáveis que promovem uma relação social naquele meio, sendo obtidos em função da correspondência que há entre os atores da rede, necessitando de recursos financeiros institucionalizados, mas para que aconteçam, se utilizam da formação da rede contínua de trocas, sendo um braço contribuinte para tamanho acesso. A esse pensamento integra-se o resultado decorrente entre Estados, mercados e indivíduos que ditam perturbadoramente e de imenso poder, componentes de uma realidade intersubjetiva (HARARI, 2017).

O *Instagram*, rede priorizada pelo o uso do *smartphone*, regido pela modernidade e praticidade, se torna um agente ainda mais atuante quanto se trata de capitais sociais: “conjunto de recursos de determinado grupo”, incluindo conteúdo e função (RECUERO, 2009). O número de informações trocadas aumenta, inclui além do que o ator da rede se dispõe em alimentar, incluindo localização, rastreo de proximidade com outras pessoas, recursos conhecidos por serem utilizados em aplicativos de encontro, por exemplo. Aumentado o número de informações, o intuito será de manter a disponibilidade dos dados e coletá-los, nesse instante, a rede tem se tornado sugestiva para continuar na plataforma, de modo que as apresentações feitas são a partir de suas próprias ações de engajamento, comentários e curtidas e visualizações (FANTONI, 2017).

O que há de exibido nas postagens, nas relações feitas e nos resultados suscitados interessa tanto ao mercado, quanto aos usuários da rede, todos os atores que usam a plataforma em modo comercial, incluindo-se aqui contas comerciais e criadores de conteúdos digitais, colaborando com a movimentação necessária acontecer, como apontado anteriormente. Como elemento da representatividade citada acima, esses três públicos destacados fazem parte dessa cadeia, de modo que se alimentam entre eles pela via do consumo. Ainda relevante a discussão envolta da

forma de coleta de informações levantando problematizações acerca da questão, o que será continuado tratará do conteúdo dos acessos com intenção de analisar as repercussões desses no cotidiano do adulto jovem.

Sendo a identidade um conteúdo não permanente, sua construção tem parte resultada entre as relações interpessoais podendo ser considerada também como um fenômeno social, resultado de uma gama de significados emergidos dessa interação (HALL, 2006). No *Instagram*, a cada publicação feita há uma implicação da identidade comercializada de quem posta e do receptor da publicação e, para que isso possa acontecer, necessita do “olhar do outro”. Feita a análise atribuirá valor, podendo ser de acordo ou não com o conteúdo da postagem, podendo ser reflexões sobre um assunto específico de pauta pública ou até mesmo a necessidade de ser percebido, notado, na busca de um reconhecimento (COELHO, 2016).

O aplicativo deixa brechas entre o anonimato e a superexposição, ainda quando podem ser feitos de forma conjunta. A sensação de segurança é causada pelo anonimato, na qual, mesmo havendo a exposição da imagem, pode retratar situações que não condizem com a realidade do sujeito, podendo ser uma alternativa confortável para suprir o que se quer ter e ser (COELHO, 2016). Assim, conclui-se que uma deturpação de uma identidade.

Ao passo em que a sociedade mercantilista fala e aplica suas manifestações em todos os âmbitos, o uso dessa ferramenta pode se aproximar da simbologia atrelada ao trabalho, por exemplo, atrelado a dignidade, a valorização, contudo, aniquila, cala e aliena. O *Instagram*, por sua vez, possibilita criar a realidade que se deseja manter um conforto diante dela, demanda sua voz e atividade de forma a colaborar com a necessidade de sentir-se importante e desejado. Por outro lado, ao retornar ao real, aniquila, afronta e amedronta frente a essa “outra vida”, ao se deparar com a distância entre o que aparenta ser e o que é de fato.

Dessa forma, o ciclo continua com a abertura de novas necessidades. A insatisfação com a imagem, com o corpo, cor, tipo de cabelo, com o casamento, com o tipo de arranjo familiar, orientação sexual e com as próprias escolhas diante da própria vida, surgem com prejuízos à saúde mental. A maneira em que imagens são expostas trata-se de uma atuação. Cada mecanismo atrelado ao conteúdo da publicação, do tipo geração *fitness*, *look* do dia, *life style*, por exemplo, tem uma função situada dentro do capital social e a mobilização para continuar o acesso é proposital.

A forma negativa como se enxerga o corpo, por exemplo, é desencadeada por disparidade entre o que deseja e o que está posto (GUIMARÃES, 2020). Assim, é mais incentivada quando aproximada das redes que priorizam e cultuam padrões específicos. Uma pesquisa publicada em 2020, utilizando dados de 2013 e 2014 de dimensão nacional, revela a insatisfação do jovem brasileiro em 45%, sendo o sexo feminino mais queixoso que o masculino, condizente com o direcionamento das cobranças serem mais voltadas a mulher. Enquanto os homens, até os 17 anos apresentam uma superestima diante da sua imagem (MOEHLECKE, *et al* 2020). Assim, é possível perceber os desdobramentos possíveis referentes ao uso das redes sociais, de forma que esse é o público de maior participação, acabando por responder de diversas formas aos investimentos feitos, ora relacionados à insatisfação, ora assegurados na identidade criada, maximizando a sua representação, mas atrelados a alienação perante a relação construída, podendo usar adereços fornecidos pela própria plataforma, como filtros e abas de edição de imagem. São conclusões feitas a partir dos valores construídos acerca das representações, que incluem engajamento, quantidade de curtidas e comentários e alcance no “*stories*” (fotos ou vídeos disponíveis no perfil por 24h).

A noção de corporeidade tida aqui é ampla com intenção de abarcar também a dimensão de apoio a esse sofrimento. Uma vez que faz parte das cobranças, é a imagem desse corpo que é a mais exibida nesta rede social e, assim, responde por cada extensão citada, afinal o corpo é instrumento de contato primordial com o mundo e com o outro, se refazendo a cada nova marca histórica. Dessa forma, não se caracteriza apenas como lugar de sofrimento, mas como fala e expressão dele (ALVIM, 2015). Por essa via, considera-se o acesso ao *Instagram* também pela via da dor.

Por outro lado, existem possibilidades de interação inserida na rede funcionam como subsídio na sustentação de uma realidade dolorosa. Ana Alegria (2019), dialogando com Amante *et al.* (2014), Allison (2007) e Lee *et al.* (2015), ressalta aspectos positivos da troca nas redes sociais quando viabiliza interações interpessoais, mobilizando um suporte social, partilhando de conteúdos em comum, podendo auxiliar nas construções de identidade pela aproximação, uma vez concebida a aceitação nesse espaço. Já sobre o *Instagram*, pontua ser a rede que mais apresenta danos, com mais chances de desenvolver depressão e ansiedade, correlacionando o tempo de exposição à dimensão do prejuízo.

Outro aspecto a acrescentar ao eixo positivo do *Instagram*, seria por meio da quantidade de perfis atraídos por uma determinada ideia pela via da identificação, geralmente encabeçadas por perfis que defendem causas parecidas. Isso abre possibilidade para discussão e torna-se relevante diante da desmistificação pela informação do que socialmente não é rentável, outros corpos, famílias, etnias, entre outras. Logo, podemos indicar um caminho razoável para aceitação a tanto já buscada e de formação crítica das informações impostas, potencializando discursos mais resistentes a combater demais poderes, pois “quanto mais interativa e autoconfigurável for a comunicação, menos hierárquica será a organização e mais participativo movimento” (CASTELLS, 2013, p. 20).

Tal situação também acontece diante das tragédias mundiais, gerando comoção, na quais os meios de comunicação, além de serem usados como demonstração de apoio, informam casos relevantes de maneira rápida, como no terremoto ocorrido no Japão em 2011 que mobilizaram “*hashtags*” (palavras-chaves antecedidas por cerquilhas - #) (VILIVIC, 2015).

Pode-se assim, analisar o *Instagram* nos dois contextos, adoeecedores e mobilizadores e esperançosos. Ainda assim, é importante assinalar sua responsabilidade sobre sua capacidade danosa, especificamente a saúde mental. Como dito, tem relevância sua associação quanto a influência no desenvolvimento de sofrimento e até mesmo ao desenvolvimento de transtornos psíquicos. Perante a ótica da Psicologia, há a compreensão do sofrimento inerente a vida, a existência, contudo, a perturbadora relação administrada pela via da satisfação, da perfeição, na qual o espaço dado ao legítimo sofrimento é desprezado, ele se torna ainda mais doloroso diante de tantas cobranças (NETTO, 2013).

Macêdo (2018, p. 272), posicionando a Psicologia acerca do sofrimento universitário, também retratado aqui, dispõe de consideração enquanto o fazer psicológico, devendo se debruçar nas possibilidades dentro do “compartilhamento de experiências, cooperação na vivência do processo, traçando estratégias para construir novos sentidos”. Tomando como referência o pensamento da autora, corrobora quando, usando as ferramentas atuais, o *Instagram* sendo uma delas, pode propiciar esse espaço atuante, como modo de enfrentamento de uma realidade, seja ela de forma clara diante de perspectivas críticas ou alienadas, mas que até então se mantenham organizadas, priorizando os benefícios.

Lemos (2019) trata dos estudos de Vasco (2018), criando compilados importantes dentro da sua teoria, levando em consideração as necessidades psicológicas atribuídas ao um desequilíbrio psíquico que buscaram uma nova reorganização e em sua perspectiva fundamentar o modo de sofrimento psíquico frente a uso do *Instagram*. Como ponto de partida, usa as dualidades fixadas pelo o autor, que podem ser associadas como minúcias dentro das apontadas entre uso do *Instagram* como modo de sustentação da realidade e como respostas a demandas sociais.

Entre as mencionadas pela a autora, têm-se as dimensões prazer/dor, proximidade/diferenciação e autoestima/autocrítica como ponto de partida. A primeira dualidade caracteriza-se pela necessidade de correspondência, nesse caso, a experiência na rede, que quando suprida pode encontrar a dor mais abundante para que necessite todos seus inviáveis desejos. Dentro da rede, os caminhos de proximidade traçam pela necessidade de ser aceito no espaço cibernético e busca a autodeterminação no mesmo lugar. Essa questão pode ser representada de forma mais forte pelo os “criadores de conteúdos” ou blogueiros, os quais diante da proximidade fazem seu espaço, pelo número de seguidores e alta interação, mas ao mesmo tempo demarcam seu espaço a partir de sua identidade, como tipo específico de produto indicado, pela exclusividade do conteúdo e na construção de sua representação.

A autoestima/autocrítica se caracteriza como mensuração das respostas obtidas pela via da satisfação. A forma como o sujeito se organiza a partir dessas condições apontas por Vasco (2018) sugerem que ocorrem de formas interligadas dadas as resposta de regulação, de modo que a complementação das polaridades dirá o quão satisfatório foi tal organização, sendo possível a compreensão da ordem do sofrimento.

De forma singular serão posicionas as categorias definidas acima, cabendo a Psicologia compreender a forma de relação nesse espaço e configurá-la parte de um cotidiano real. A representação virtual é espelho de necessidades reais, logo, são reais. Enquanto aos sujeitos, ao analisarem o resultante das variáveis envolvidas, deve-se contemplar de forma atenta não só aos sintomas correspondentes, mas também na capacidade de regulação dessas, percebendo os campos em sofrimento e ampliando os de bem-estar e sentido da vida (VASCO, 2018).

Compreende-se, então, as dimensões das necessidades psicológicas associadas as mercadológicas e desmembradas em situações nas quais uma se realiza na outra. Dessa forma, em meio a contemporaneidade tende-se a incluir os avanços tecnológicos e discuti-los a partir das visões capitalista que neles incidem. O sujeito, o adulto jovem, em meio a isso, tem como opção a mercantilização, se não nas redes sociais *on-line*, nas *off-line*, mas dado a necessidade de validação, acaba por sujeitar-se.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dado o início do trabalho de pesquisa, priorizou-se justificar com avanço acerca de estudos na Psicologia, de modo a ampliar a compreensão da temática quando se trata do público adulto jovem. Nesse sentido, o tema se baseia nos modos de relação tidos atualmente e como eles se apropriam dos recursos tecnológicos, emergindo novos tipos de relação e, com isso, novas respostas comportamentais. Tal colocação foi concedida no texto ao retratar as condições do adulto jovem atualmente no Brasil, sendo abordados os níveis de acesso e de uso do aplicativo, como também os possíveis desdobramentos dessa troca.

De acordo com o que foi trabalhado na pesquisa, descobrir como os adultos se relacionam com a plataforma *Instagram* foi contemplado, de modo que ao percorrer os objetivos traçados foi encontrado que a relação com o mesmo é tida não só como supressão da necessidade da conexão e fins mercadológicos, mas também na tentativa dessa repressão anterior, que embora não se distancie das redes sociais, são encobertas pelas relações de forte identificação que propiciam conforto e enfretamento da realidade.

Tratar as demandas sociais presente nesse contexto foram significativas para retratar a realidade do adulto e indicar quais são as respostas que precisa dar socialmente. Entender o peso dessa fase sensibiliza para encontrar respostas, surgindo a rede social como possível resgate, além de já iniciar os apontamentos acerca da ampliação do acesso e ramificar a discussão sobre a disponibilidade do meio como atingir os interesses do adulto jovem.

Já diante dos conceitos do desenvolvimento do adulto jovens, deparar-se com a necessária construção indenitária anterior, na adolescência e como é significativa diante dos olhos do *Instagram*, respondendo pela maior contribuinte de como a

relação acontece, também ampliando para aspectos históricos, sociais e econômicos, no intuito de ampliar o conceito de adultez como resultado de sua heterogeneidade.

A relação do aplicativo em si acontece de forma específica quando ao modo uso, ao tipo de conteúdo compartilhado e como esse conteúdo é utilizado. Assim, é possível compreender as representações construídas em meio a um novo tipo de relação. Explanado a essas discussões, obteve-se a confirmação da hipótese quando em pesquisa encontrou-se subsídios teóricos que confirmassem que a relação do adulto com o *Instagram* foi propiciada dentro de um contexto também de apoio, contudo, não se dá apenas de modo a enfrentar a realidade, mas é também reflexo da cultura e sociedade capitalista, sendo esta a resposta para a pergunta proposta na pesquisa.

Enquanto a metodologia do trabalho, pesquisa bibliográfica, os estudos foram feitos através de sites, *Google Acadêmico*, revistas de Psicologia e anais de congressos e livros. A forma como foi realizada viabiliza o acesso para que tenha a resposta para esse trabalho, mas também é por ele que são tidas as limitações do mesmo. Existem poucas publicações referentes ao público adulto jovem e muito menos quando associados ao uso de redes sociais e ainda especificamente do *Instagram*. Dito isso, em possibilidades de realizar a pesquisa com campo de estudo auxilia ao ter mais recursos para discussão, detalhado as formas de relação com o aplicativo, além de demarcar questões subjetivas importantes para analisar quais são os fatores contribuintes que levam a relação pela via social de correspondência econômica ou pela via pessoal, como forma de apoio, já que das duas maneiras não deixam de ser reflexo, direto ou indireto, das relações sociais já existentes. Há também a possibilidade de entender outros tipos de complicações que tangenciam a saúde mental, como problemas na família e no trabalho pelo uso do aplicativo.

REFERÊNCIAS

- ABMES. **Políticas para a Educação Superior:** propostas do Setor Privado. ABMES, Brasília, DF. Disponível em: https://abmes.org.br/arquivos/pesquisas/financiamento_estudantil.pdf. Acesso: 08 jun. 2020.
- ABONÍZIO, G. Precarização do trabalho docente: apontamentos a partir de uma análise bibliográfica. **Revista Eletrônica Lenpes**, v. 1, n. 1, p. 1-28, 2012.

ALEGRIA, A. S. P. *et al.* Relação entre a utilização de redes sociais e a literacia em saúde mental positiva de jovens: um estudo exploratório sobre o Instagram. 2019. **Tese** (Mestrado em Comunicação Social) – Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

ALVIM, M. B. Corporeidade e trabalho: o corpo-tempo que faz (e se faz) mundo. In: ALVIN, M. B.; CASTRO, F. G. (orgs.). **Clínica de situações contemporâneas**. Curitiba: Juruá, 2015, p. 51-72.

ANDRADE, A. S.; *et al.* Vivências Acadêmicas e Sofrimento Psíquico de Estudantes de Psicologia. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 36, n. 4, p. 831-846, 2016.

ANTUNES, R. As novas formas de acumulação do capital e as formas contemporâneas de estranhamento (alienação). **Caderno CRH**, Salvador, v. 15, n. 37, p. 23-46, 2002.

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BRANDÃO, T.; SARAIVA, L.; MATOS, P. M. O prolongamento da transição para a idade adulta e o conceito de adultez emergente: Especificidades do contexto português e brasileiro. **Aná. Psicológica**, Lisboa, v. 30, n. 3, p. 301-313, 2012.

CASTELLS, M. **Redes de indignação e esperança**: movimentos sociais na era da internet. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CEPAL. **Perspectivas Econômicas da América Latina**. Santiago, Chile, 2016.

CETIC. **TIC Domicílios e Usuários**: Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nos domicílios brasileiros. 2015. Disponível em: http://cetic.br/media/docs/publicações/2/TIC_Dom_2015_LIVRO_ELETRONICO.pdf. Acesso em: 04 abr. 2020.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 3.ed. São Paulo: Cortez, 2018.

CICCO, M. F.; *et al.* Imagem corporal, práticas de dietas e crenças alimentares em adolescentes e adultas. **Psicol Hosp**, v. 4, n.1, p. 1-27, 2006.

COELHO, P. G. Compartilho, logo sou: A construção de identidades no uso do aplicativo Instagram. **Congresso Internacional de Comunicação e Consumo**, p. 1-12. São Paulo, 2016.

COIMBRA, S. Estudo diferencial de auto-eficácia e resiliência na antecipação da vida adulta. 2008. Tese (Doutorado em Psicologia). Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto. 2008.

COSTA, D. D. da; FERREIRA, N. de B. O PROUNI na educação superior brasileira: indicadores de acesso e permanência. **Avaliação**, Sorocaba, v. 22, n. 1, p. 141-163, 2017.

CRUZ, J. F. A; *et al.* Prevenção do HIV e do Sida nos adolescentes e jovens adultos: Investigação do conhecimento, atitudes e comportamento sexual. **Psicologia: teoria, investigação e prática**, v. 2, p. 279-304, 1997.

DUBAR, C. **A socialização: construção das identidades sociais e profissionais**. Porto: Porto Editora, 2005.

DUFOUR, D. R. **A arte de reduzir as cabeças: sobre a nova servidão na sociedade ultraliberal**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2004.

ERIKSON, E. H. **Identidade, juventude e crise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.

FANTONI, A. Autorrepresentação de Adolescentes Porto-Alegrenses no Instagram. 2017. 175 f. **Dissertação** (Mestrado em Comunicação Social) – Faculdade de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul: Porto Alegre, 2017.

FRANCO, T.; DRUCK, G.; SELIGMANN-SILVA, E. As novas relações de trabalho, o desgaste mental do trabalhador e os transtornos mentais no trabalho precarizado. **Rev. bras. saúde ocup.**, São Paulo, v. 35, n. 122, p. 229-248, 2010 .

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

GONCALVES, D. V. C. *et al.* Percepção sobre o Adoecimento entre Estudantes de Cursos da Área da Saúde. **Rev. bras. educ. med.**, Rio de Janeiro, v. 39, n. 1, p. 102-111, 2015.

GUIMARAES, B. E. de B. *et al.* O consumo excessivo de álcool e a insatisfação com a imagem corporal por adolescentes e jovens de um município baiano, **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 36, n. 1, p. 1-15, 2020.

HAGE, Z. Jovens adultos em redes: significados dos autorretratos postados no Instagram. **Dissertação** (Mestrado em Psicologia Clínica) – Núcleo Família e Comunidade, PUC-SP, São Paulo, 2017.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HARARI, N. Y. **Uma Breve História da Humanidade Sapiens**. Porto Alegre: L&PM, 2017.

IBGE. **Pesquisa nacional por amostra de domicílios: PNAD**. Rio de Janeiro: IBGE, 2019.

ILICIC, F. **O clique de 1 bilhão de dólares: a incrível história do brasileiro Mike Krieger, fundador do Instagram**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2015.

JESUS, E. A; SALGADO, T. B. P; SILVA, P, I, R. Performances e Produção de efeitos subjetivos no Instagram e Youtube. **Revista Fronteiras - Estudos Midiáticos**, v. 16, n. 3, p. 243-256, 2014.

JORNAL FOLHA DE SÃO PAULO (ESTADÃO). **Reportagem Jornal Folha de São Paulo**: “Automação vai mudar a carreira de 16 milhões de brasileiros até 2030” (2018). Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2018/01/1951904-16-milhoes-de-brasileiros-sofrerao-com-automacao-na-proxima-decada.shtml>. Acesso em: 10 jun. 2020.

LEMOS, C. F. R. C.. Uso problemático da internet e das redes sociais: relação com a regulação da satisfação das necessidades psicológicas e a saúde mental. 2019. **Tese** (Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde) – Universidade de Lisboa, Lisboa, 2019.

LIMA, C. F. da M.; RIVEMALES, M. da C. C. Corpo e envelhecimento: uma reflexão. **Estudos interdisciplinares sobre o envelhecimento**, Porto Alegre, v. 18, n. 1, p. 153-166, 2013.

LIRA, A. G.; GANEN, A. de P.; LODI, A. S.; ALVARENGA, M. dos S. Uso de redes sociais: influência da mídia e insatisfação com a imagem corporal de adolescentes brasileiras. **J. bras. psiquiatr. [online]**, v. 66, n. 3, p.164-171, 2017.

MACÊDO, S. Sofrimento Psíquico e Cuidado Com Universitários: Reflexões e intervenções fenomenológicas. **ECOS – Estudos Contemporâneos da Subjetividade**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, p. 265-277, 2018.

MOEHLECKE, M. *et al.* Auto-imagem corporal, insatisfação com o peso corporal e estado nutricional de adolescentes brasileiros: um estudo nacional. **J. Pediatr.**, Porto Alegre, v. 96, n. 1, p. 76-83, 2020.

NETTO, N. B. Suicídio: uma questão de saúde pública e um desafio para a psicologia clínica, capítulo I. In: CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (org). O suicídio e os desafios para a Psicologia. Brasília: CFP, 2013, p. 15-26.

Núcleo de Pesquisa do Espaço Experiência. **Projeto 18/34**: Ideias e Aspirações do Jovem Brasileiro sobre Conceitos de Família. Porto Alegre: FAMECOS/PUCRS. 2015. Disponível em: <http://g1.globo.com/fantastico/noticia/2015/11/pesquisa-inedita-traca-o-perfil-do-jovem-brasileiro-da-geracao-y.html>. Acesso em: 04 abr. 2020.

PADOVANI, R. da C. *et al.* Vulnerabilidade e bem-estar psicológico do estudante universitário. **Revista Brasileira de Terapia Cognitiva**. v. 10, n. 1, p.2-10, 2014.

PIMENTA, M. de M. Ser jovem e ser adulto: identidades, representações e trajetórias. 2006. **Tese** (Doutorado em Sociologia). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, University of São Paulo, São Paulo, 2006.

RECUERO, R. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

RIBEIRO, C. A. C. **Juventudes e Educação**: escola e transições para a vida adulta no Brasil. Rio de Janeiro: Azougue editorial, 2014.

SANTOS, M. M. dos. Heterogeneidade na transição para a vida adulta no Brasil. 2018. **Tese** (Mestrado em Demografia) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

SORDI, J. O. de. **Desenvolvimento de Projeto de Pesquisa**. São Paulo: Saraiva, 2017.

STRASSER, F. de A. C.; OLIVEIRA, M. G. O advento da Internet e seus desafios no campo jurídico. **Colloquium Socialis**, v.3, n. 4, p. 6-19, 2020.

VASCO, A. B.; CONCEIÇÃO, N.; SILVA, A. N.; FERREIRA, J. F.; VAZ-VELHO, C. O (Meta)Modelo de complementaridade paradigmática(MCP). In: LEAL, I. (Org.), **Psicoterapias**. Lisboa: PACTOR, 2018.